

Coluna do Castello

23 NOV 1989

PDT vai com Lula mas de meia-bomba

É claro que as esquerdas terminarão por endossar a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva mas não deverão fazê-lo com a presteza, a celeridade e o entusiasmo que seriam necessários para uma vigorosa aglutinação que possa melhorar o desempenho do candidato. Tanto o PDT quanto o PSDB e o Novo-PMDB não conseguem motivar suas bases para uma marcha sem restrições ao lado de Lula. Há razões para isso. A começar pelo partido de Brizola que enfrenta problemas específicos de sobrevivência sem eliminar os problemas de competição que poderão ressurgir logo após o pleito.



Brizola aparentemente está convencido de que o candidato do PT não tem condições objetivas de derrotar Fernando Collor de Mello. Essas condições na esquerda seriam dele, exclusivamente dele, pois além de se tornar o pólo dessa vertente política teria como atrair adesões entre liberais e até mesmo conservadores que não temeriam correr ao seu lado os mesmos riscos que supõem iriam correr com Lula na Presidência. Isso explica o fato de ter considerado a hipótese, já afastada, de propor a renúncia dos dois em benefício de uma proposta de unidade esquerdista que teria como expressão Mário Covas. Ora, tanto Lula quanto o próprio Covas excluem essa alternativa que não atende à manifestação das urnas no primeiro turno.

Mas além desse convencimento da inviabilidade eleitoral de Lula, apresenta-se desde já a Brizola a questão da sobrevivência do PDT e de sua competição com o PT depois de fechadas as urnas a 17 de dezembro. Com sua presença uniforme em todo o país o PT demonstrou ter condições de superar o PDT como expressão mais qualificada e mais numerosa da esquerda. O brizolismo estaria contido nos próprios limites da influência pessoal do seu líder e de certo modo pelo anacronismo da mensagem junto às classes trabalhadoras. Além da forte liderança pessoal de Brizola e da sua expansão em dois grandes estados, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, a mensagem de Brizola estaria a exaurir-se por deitar suas raízes num fenômeno que envelheceu e desapareceu de cena — o getulismo, e numa expressão partidária, o PTB, que foi praticamente abandonada sem ser inteiramente substituída pelo PDT.

A diferença entre os dois partidos seria evidente hoje a partir do nome. Um é o Partido Trabalhista, isto é, um partido de políticos que propõem uma política para os trabalhadores. Já o Partido dos Trabalhadores é dos próprios trabalhadores, que o instituíram, fundaram e promoveram seu desenvolvimento com a crescente adesão de intelectuais, artistas e também de políticos. Isso estaria na base do maior dinamismo e da novidade do PT em relação ao PDT. E é contra isso que Brizola pretenderia lutar, impedindo que o movimento pró-Lula absorva suas bases ou que sejam estas superadas depois da eleição, cedendo-se a Lula e ao PT o comando da oposição de esquerda ao futuro governo com reflexos nas composições para a disputa eleitoral do próximo ano.

Tais circunstâncias afetam no tempo e na qualidade o apoio do brizolismo à candidatura de Lula. Ela virá sem entusiasmo e com restrições que vão se tornando cada dia mais visíveis. Mas esse problema não é só do PDT. O PSDB não conseguiu ocupar seus ansiados espaços à esquerda. Não dispõe de bases sindicais nem de apoio de lideranças de trabalhadores. É um partido com mensagem de classe média e aspirações sociais-democratas de padrão europeu. Seu programa está mais próximo do de Collor do que do de Lula, mas a emoção coloca a maioria dos *tucanos* ao lado de Lula e isso é suficiente quando nada para paralisar a manifestação dos que racionalmente vêem melhor futuro e mais racionalidade no entendimento com Collor. Eles pretendem marcar uma forte posição anti-Collor mas possivelmente nessa candidatura é que se encontrariam mais bem acolhidos, pois seus líderes exigem de Lula desde já mudanças de programa para que haja apoio irrestrito. Isso é difícil.

O Novo PMDB, que domina sua Executiva Nacional, não domina o partido. Nove governadores já se mobilizaram para rejeitar a definição pró-Lula, a qual agride interesses definidos de quase todos eles, a começar pelo de São Paulo, com programação própria para 1990. A bancada divide-se e a maioria pode até inclinar-se pela esquerda mas sem comprometer a decisão dos restantes. Isso é válido para este segundo turno eleitoral e para depois, ou seja, para a tomada de posição em relação ao futuro governo. Ulysses Guimarães, que tomou um caminho sem retorno ao agregar-se à esquerda, teve seu apoio rejeitado. Ele é a Nova República. E o PT pretende ser a anti-Nova República. Tanto quanto o PRN.

No Rio Grande do Sul

Passando por Brasília Pratiní de Moraes confirma que o PDS do Rio Grande do Sul irá com Collor no segundo turno. Nelson Marchezan e ele, entre outras figuras do partido, já se acertaram nisso. Pratiní acredita que, excluído Brizola do segundo turno, Collor pode sair vitorioso agora no seu estado. O PDS dispõe-se a trabalhar por isso, o que levará o governador Pedro Simon a completar seu caminho rumo a Lula.

Carlos Castello Branco